

Assembleia

Constituinte ainda está no plano dos autênticos

Des sucursais

BRASÍLIA — Aproveitar o debate e os naturais impasses do varejo para cuidar do atacado, isto é, valer-se da reforma partidária que o governo pretende promover no ano em curso para sedimentar a tese e provocar o mais breve possível a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte — este o objetivo maior do grupo dos autênticos do MDB. Segundo o deputado Fernando Lyra, um de seus líderes, mesmo não sendo a principal meta da oposição, chegou o momento de se cuidar da reforma partidária, dentro do objetivo maior de transformar a legenda num grande partido popular. Para ele, não importa que um segmento emedebista saia para a formação do Partido Trabalhista, sob a liderança do ex-governador Leonel Brizola. Como não interessa, também, se um pequeno setor moderado ou adesista aproveitar a oportunidade para filiar-se à Arena ou a outra legenda formada sob a inspiração do governo. A maioria do MDB, em seu entender, permanecerá unida, e a grande bandeira dessa união se expressará pela tese da Constituinte.

Fernando Lyra, como Jarbas Vasconcelos, Marcos Freire, Alencar Furtado e muitos outros, entende estar registrando-se no País, apesar das boas e declaradas intenções do general João Baptista Figueiredo, uma desordenação absoluta. Acha que o governo tangencia o principal para tentar o caminho do acessório, e por isso os líderes oficiais falam da reforma dos partidos políticos, da volta às eleições diretas de governador, da extinção da Lei Falcão e outras iniciativas. Apesar de louváveis, tais iniciativas parecem-lhe inócuas, pois não resolvem os grandes problemas nacionais. Apenas adiam a crise por algum tempo, fazendo-a mais explosiva e perigosa.

As recentes greves no ABC revelaram, para o parlamentar por Pernambuco, um quadro absurdo: eram ilegais, porém legítimas, da mesma forma como o movimento estudantil. As posturas a elas referentes, no entanto, se são legais, são ilegítimas. E o

exemplo vale para tudo o mais, da economia à realidade social e institucional. Do que precisamos, conforme Lyra, é de antistia ampla e irrestrita e, logo depois, de uma Constituinte. Como consequência, deverão surgir outras questões, como a reforma partidária e os mecanismos de eleição.

O MDB, desligado da corrente trabalhista e livre da minoria adesista, tentará permanecer como o grande partido popular, e os autênticos, que já relutam em ser chamados assim, dadas as divisões do passado, esperam contar com Ulysses Guimarães e a maioria de seus companheiros. Julgam Lyra, Vasconcelos, Freire e muitos outros que os próprios detentores do poder terminarão verificando que a Constituinte é a única solução, pois se trata de aspiração nacional e de necessidade política. Não envolve interesses pessoais ou de grupos, pois ninguém pode esperar sair governador de Estado, ministro ou até presidente da República, por força dela. O que a Constituinte provocará, em especial, será uma ordenação jurídica, social e econômica acorde com as necessidades nacionais, isto é, proporcionará o reencontro da Nação com o Estado.

"Há seis anos — completa Fernando Lyra —, a Constituinte era uma loucura, e, falar a seu respeito, um ato de temeridade. Há quatro anos, passou a ser, apenas, uma inconseqüência, na medida em que não existiam condições para sua convocação. Dois anos atrás, já era um sonho futuro, mas realizável, e agora aparece como uma perspectiva real. Quem sabe em mais algum tempo se torne um fato?"

Para ele, a tese da Constituinte é envolta de quando em quando pela poeira de imediatismos ou remendos, parecendo haver sido abandonada, mas continua permanente, e a oportunidade para retomá-la em suas linhas conclusivas surge, por mais paradoxal que pareça, dentro da reforma partidária que o governo pretende encaminhar ainda este ano. Será, vale repetir, a bandeira maior do MDB, mesmo diminuído ou expurgado, mas capaz de sensibilizar o País.

C.C.